

**DO ANTIGO AO NOVO: DA MUDANÇA DA TEORIA
LINGÜÍSTICA À MUDANÇA DA LÍNGUA**

Sivonei Ribeiro Rocha¹⁴⁶
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva¹⁴⁷
(UESB)

RESUMO

Este trabalho compara o conceito de mudança linguística, do século XIX, com a mudança linguística do século XX, mostrando como a Sociolinguística, numa perspectiva sócio-histórica, resgata a mudança, dando à sua metodologia uma nova roupagem, ao usar a história de um povo como indicativo das mudanças observáveis em seu vernáculo. Nesse sentido, no que se refere à língua, empiricamente, vamos utilizar dados do português popular de Vitória da Conquista, investigando as possíveis pistas que possam indicar que o tempo verbal mais-que-perfeito do indicativo sofreu processo de mudança, considerando as estratégias que os utentes usam para realizar a ideia de um tempo anterior a outro.

PALAVRAS-CHAVE: Mais-que-perfeito; mudança; sociolinguística.

¹⁴⁶ Mestrando do PPGLIN/UESB. civase@hotmail.com

¹⁴⁷ Professor do PPGLIN/UESB.

INTRODUÇÃO

Entre as mudanças ocorridas no sistema verbal latino, podemos verificar que a noção de aspecto transmutou-se em noção de tempo em português. No entanto, podemos observar que os tempos em nosso vernáculo ainda trazem a marca indelével daquela divisão latina. Nesse sentido, o mais-que-perfeito torna-se uma forma de pretérito em que o *perfectum* latino é verificável, mas que não se manteve inalterado ao longo dos tempos. O presente estudo apresenta questões uma descrição da formação histórica do tempo mais-que-perfeito, correlacionando-o à sua raiz latina, com base no aparato da Linguística Histórica, especialmente no cotejo e comparações de padrões diacrônicos. Além disso, com aporte da Sociolinguística Variacionista, analisam-se as estratégias empreendidas pelo utente do vernáculo popular para marca a ideia de uma ação concluída em relação à outra.

MATERIAL E MÉTODOS

Faremos neste trabalho uma análise descritiva de estruturas produzidas por falantes, no que diz respeito à realização ou não do tempo verbal mais-que-perfeito, tendo como *corpus*, dados do português popular de

Vitória da Conquista (*Corpus* constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo/CNPq), do qual foram selecionados 6 informantes, 3 homens e 3 mulheres, nas faixas etárias I (de 15 a 25 anos), II (de 26 a 50 anos) e III (com mais de 50 anos de idade), com grau de escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos de escolarização). Para isso, a fim de demonstrar as conclusões sobre as análises, consultaremos à bibliografia especializada no tema, tanto sobre o tempo verbal em questão, quanto o aparato teórico da Sociolinguística que adotamos, mostrando também a consistência teórica que viabilizou o surgimento desta teoria no século XX.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo percurso teórico de uma disciplina, semelhante à língua, sofre um processo de mudança. Assim, o que dizemos hoje, ao pensar em nosso objeto de estudo, circunscreve-se juntamente com outras vozes que, sejam contemporâneas ou não, interfere no nosso olhar. Assim como a língua é passado e presente, como afirmou Saussure (2006), a teoria que a pensa também é, de certa forma, um produto do novo e do velho. Deste modo, para entender o processo de

mudança, tanto da língua, quanto da teoria que a analisa, devemos retornar ao passado, em seguida compará-lo com o presente, para entender o que mudou e que explicações podemos empreender para compreender o fenômeno de mudança em sua maior amplitude possível. E ao fazer isso melhor entenderemos um aspecto do presente da língua, pois cremos que assim melhor estaremos aptos em usar a teoria correta para investigar o problema.

Ao olhar nosso objeto, que é o tempo verbal mais-que-perfeito do modo indicativo, vemos o desaparecimento de sua forma simples, o que resultou na permanência da função, todavia desempenhada por outras formas morfológicas, tais como advérbios ou outros verbos do pretérito, ou sendo substituído pelo tempo composto do mais que perfeito (ter/haver+particípio). Ao utilizar estudos diacrônicos, iniciados pela origem latina da forma do mais-que-perfeito simples, perpassando por sua configuração no português arcaico, vemos que a escolha pela forma composta, em detrimento da forma simples, não existiu em outros períodos da história do português. No entanto, como já foi dito, a forma muda, mas a função permanece, assim o falante utiliza outros recursos para codificar a anterioridade. Deste modo, como mostra

Coan (1997), devemos voltar nossa atenção a função de anterioridade, e não a mais a forma verbal em si.

CONCLUSÕES

Tanto a teoria quanto o objeto, que é a língua, sofrem processo de mudança. Assim como a língua é passado e presente, a teoria que adotamos pode ser incluída de modo semelhante. Ambas, língua e teoria, passam a ser objetos que devem ser consultados em sua realção com o tempo, pois o homem é um ser histórico, e tal como ele, são os seus sistemas de pensamento.

REFERÊNCIAS

- COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado pretérito (mais-que-perfeito)**. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em linguística, 2003.
- FERDINAND DE, Saussure. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix. 2006.